

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO MUNICÍPIO DE CAMPESTRE DA SERRA: DO CAMPO À MESA

RANGEL CARRARO TOLEDO BORGES¹; **CARMELITA DA COSTA JARDIM²**

¹*Universidade Federal de Pelotas – rangelcarraro2013@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – profcarmelitajardim@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Muito mais do que um simples ato biológico, a alimentação é um ato social, cultural e político. Ao receber um prato na mesa, não nos deparamos apenas com o alimento, mas também com a história de quem o cozinhou, já que - muitas vezes - a cozinha é um lugar de batalhas e lutas internas, que trazem medo e que precisam ser vencidas. Luis de Boni diz que a mesa farta possui um valor de resistência codificado pela história de cada família - e de cada mulher. DE BONI (1996, pág. 135, 136, 139, 254, 263, 616, 617).

Construindo-se uma ponte entre comida e cozinha, estabelece-se uma ligação direta com o campo e com a terra, visto que o modo de lidar com a cozinha é diferente entre o homem (pai), a mulher (mãe) e os filhos, e, além disso, algumas atividades são mais valorizadas que outras. Nesse mesmo contexto, o trabalho é considerado leve ou pesado dependendo de quem o realiza, ou seja, as diferentes atividades são valorizadas a partir da classificação hierárquica e do gênero dos membros da família que as realizam. Desafios como cozinhar, limpar e varrer, são impostos à mulher enquanto ainda é menina e são elementos chave do processo de reprodução da força de trabalho em que as mulheres estão inseridas.

Observando uma grande divisão sexual do trabalho na cozinha, que carrega consigo desigualdades, preconceitos e julgamentos, propomos por meio de espontâneas entrevistas com moradoras da cidade de Campestre da Serra/RS, ver como se dá a relação das mulheres com a cozinha e com o alimento no âmbito que compreende desde o campo à mesa. Alguns dados foram surpreendentes, entre eles, a quantidade de mulheres que já foi vítima e/ou sofreu machismo dentro da cozinha.

2. METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, foi elaborado um questionário com 20 questões; ele foi disponibilizado via sistema online do *Google Forms*, em quatro aplicativos: *Facebook*, *Whatsapp*, *Twitter* e *Instagram*, além de poder ser compartilhado via link, e ficou disponível para acesso de 19 de junho de 2019 a 30 de junho de 2019. Ele foi aplicado e respondido somente por mulheres que residem em Campestre da Serra e foram obtidas 40 respostas. A entrevista foi realizada com mulheres de idade entre 16 a 87 anos, visto que a cidade possuía nesta faixa etária, aproximadamente 1.200 mulheres. IBGE (2010).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao pensar na alimentação como um ato cultural, é possível pensar nela como um sistema social dividido em relações distintas dos homens e mulheres

entre si e com o meio em que vivem. A comida quando consumida se transforma em cultura, porque o homem/mulher pode comer de tudo, mas escolhe a própria comida, pensando no valor econômico e nutricional, e nos valores simbólicos de que a própria comida se reveste. “Por meio de tais percursos, a comida se apresenta como elemento decisivo da identidade humana e como um dos mais eficazes instrumentos para comunicá-la. MONTANARI (2004)”.

Algumas atividades culinárias como o preparo da carne, o cuidado da brasa e do fogo, são popularmente associadas à masculinidade, vindo de uma cultura antiga, patriarcal e machista, que, segundo eles, exige mais trabalho braçal e cuidado, enquanto outras atividades ligadas ao preparo com legumes e comidas ‘mais simples e menos perigosas’ são destinadas à mulher, por ‘não exigir tanta técnica’. Para Danièle Kerfoot, este tipo de divisão social tem dois princípios organizadores: o de separação por gênero e o de hierarquização, onde o trabalho do homem vale mais que o trabalho da mulher. KERGOAT (2009). A divisão sexual do trabalho, geralmente coloca o sexo masculino como destinação prioritária a tal, especialmente altos cargos da sociedade, e o sexo feminino como responsável pelos cuidados com a casa ou função reprodutiva.

O trabalho doméstico é um elemento chave do processo de reprodução da força de trabalho que as mulheres são articuladas no nexo da mais-valia. “É no âmbito da refeição que a mãe exerce sua autoridade e controle, determinando, dentro das possibilidades geradas pelo trabalho do pai, o que irá compor a refeição e como esta será distribuída entre os membros da família.” KWOORTMANN (1985). Visto de um modo capitalista, apenas um trabalho que detinha de algum retorno monetário era digno de respeito, importância e poderia criar e gerar valor. A desvalorização do trabalho doméstico foi consequência da transição econômica do modo de subsistência capitalista, entre 1800 e 1900. É por meio de muita luta que hoje as mulheres ocupam cargos remunerados no mercado de trabalho; em contraponto, nas tarefas domésticas, não recebem valor algum, e muitas vezes são desgastantes tanto fisicamente como psicologicamente.

Para a pesquisa, quarenta mulheres com idade entre 16 e 87 anos, disponibilizaram de seu tempo para responder e fornecer dados e informações que embasaram nossa proposta de pesquisa. Delas, 70% residem no meio urbano da cidade de Campestre da Serra e 30% no meio rural. Pouco mais da metade destas mulheres (23) possuem filhos e ensina a eles afazeres domésticos básicos como limpar, cozinhar e varrer.

Segundo o IBGE (2019), no Brasil, o tempo semanal médio de trabalho doméstico de uma mulher é 21,3 horas, enquanto de homens é de 10,9 horas. Das sete atividades pesquisadas em afazeres domésticos, a mulher foi maioria em seis. Cozinhar foi a tarefa com a maior diferença entre os sexos, com incidência de 95,5% entre as mulheres e 60,8% entre os homens. Na pesquisa realizada em Campestre da Serra/RS, 37,5% cozinha as refeições sozinha e 55% cozinha compartilhadamente.

Sobre as preparações culinárias, as mulheres entrevistadas acabam ficando encarregadas, em ordem de mais votado, de comidas como arroz, feijão, massas, molhos, carnes cozidas, doces e sobremesas; e seus companheiros cozinham em sua maioria, carnes assadas, massas, arroz, feijão, carnes cozidas e molhos, ficando aí evidente a cultura do fogo e da carne, anteriormente citada.

Ao serem questionadas sobre o machismo estar presente ou não no processo que compreende cozinha/campo/mesa, 77,5% delas responde com afirmação; e, metade delas afirma ter se sentido ao menos uma vez em situação desconfortável, desigual ou vulnerável dentro da cozinha. Pode-se notar, portanto,

que o machismo está claramente presente dentro dos afazeres cotidianos, nas casas e principalmente nas cozinhas desta cidade.

Por fim, queremos deixá-las falar, a seguir, temos cinco frases que nos chamaram atenção e foram deixadas pelas entrevistadas em um espaço de fala e desabafo aberto, elas foram de extrema importância para busca de embasamento teórico do artigo: (1) “Ainda tratam a mulher como a que tem que cozinhar e cuidar da casa.” (2) “Muitos homens acabam depositando toda a responsabilidade pelas tarefas domésticas nas mulheres, essa questão é muito visível aqui, em uma cidade do interior.” (3) “A sociedade é machista justamente pelo fato de o papel da mulher ser extremamente marcante no funcionamento dos lares.” (4) “Somos livres pra fazermos o que queremos, e os homens deveriam ajudar na cozinha por que é um trabalho muito bom e não faz com que o cara perca a sua masculinidade.” (5) “As atividades domésticas deveriam ser divididas entre homens e mulheres, pois na atualidade a mulher também trabalha fora e chega cansada, se forem divididas, não sobrecarrega somente uma pessoa.”

4. CONCLUSÕES

A desigualdade social e sexual ainda está presente no cotidiano das casas e cozinhas de Campestre da Serra, e, após analisar a pesquisa, essa afirmação ficou ainda mais evidente. Não podemos ignorar o machismo que permeia sob nossas mesas e entre o chão de nossas cozinhas; os afazeres domésticos não são e não podem continuar sendo tarefas única e exclusivamente das mulheres. Não podemos deixar passar em branco a ideia de que qualquer um pode cozinhar; crianças, mulheres e homens tem toda capacidade de aprender e desenvolver hábito, técnica e afinidade com as panelas, com os ingredientes e com o fogo.

Esta pesquisa é apenas um *start*, devendo ser mais bem trabalhada, ampliada e divulgada. Alguns dados são um tanto preocupantes e alarmantes, visto que as entrevistadas pertencem a uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, com um número pequeno de habitantes, e em recente pesquisa do Jornal Pioneiro, ocupa a posição de número 24 em ocorrências e denúncias sobre casos de violência contra a mulher na Serra Gaúcha, PIONEIRO (2019). Este tema é pouquíssimo debatido e comentado na região – tanto que no momento da entrevista, as mulheres entrevistadas pediam para suas informações pessoais ficarem no anonimato, demonstrando medo e receio por parte delas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE BONI, Luis. **A Presença Italiana no Brasil**. III Volume. 1996. Pág 135, 136, 139, 254, 263, 616, 617.

IBGE. **Mulheres dedicam quase o dobro de tempo dos homens em tarefas domésticas**. Rio de Janeiro, 31 mai. 2019. Acessado em: 06 set. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas>

IBGE. Campestre da Serra. Rio de Janeiro, 2010. Acessado em: 06 set. 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/campestre-da-serra/panorama>

KERGOAT, Danièle. **Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo**. In: HIRATA, H. et al (org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. Editora UNESP: São Paulo, 2009, pág. 67-75.

MONTANARI, Massimo. **Comida como Cultura**. 1a. Editora Senac, 2004.

PIONEIRO. **Ranking negativo: as 30 cidades com mais casos de violência contra a mulher na Serra**. Porto Alegre, 12 jan. 2019. Clic RBS, Brechas. Acessado em: 11 set. 2019. Disponível em: <https://pioneeroclicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2019/01/ranking-negativo-as-30-cidades-com-mais-casos-de-violencia-contra-a-mulher-na-serra>

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klass. **O Trabalho da Terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília. Editora UNB, 1985.